

## Delírios Oníricos - VIII



Sil estava de pé em seu quarto. Estava vendo sua cômoda, seu criado mudo, sua cama e seu espelho de corpo inteiro. O espelho estava diferente. O reflexo estava estranho. Involuntariamente ela chegou perto para checar. Ao tocar no espelho, seu braço atravessou o espelho, levando-a para dentro dele. Era assustador. Seu corpo parecia aquecer-se lá dentro. Ao atravessar o rosto, deparou-se com uma grande sala. Parecia a sala principal de um grande castelo medieval. Um tapete vermelho com bordados dourados nas laterais a levava até o centro de um grande salão oval. Nesse salão haviam vários espelhos parecidos com aquele que Sil havia saído, e tochas entre eles, iluminando toda a estrutura.

No centro haviam três torres. As torres tinham cada uma dois metros de altura, e um trono no topo. No primeiro trono estava um jovem rapaz. Usava um chapéu. Tinha uma roupa engraçada, semelhante a um escocês. Uma camisa verde e uma capa. Era uma roupa predominantemente xadrez. Mas não tinha o tradicional kilt. Ao invés disso, possuía uma bermuda vermelha com uma única alça. Era um rapaz de um olhar confiante. Um sorriso de canto de boca, metido a conquistador. Nas costas ele possuía um instrumento musical pendurado. Uma espécie de banjo. Estava observando Sil desde que ela entrou. No trono do centro havia um senhor oriental. Muito concentrado. Vestia uma longa túnica com as mangas que ultrapassavam seus braços. Possuía uma longa barba prateada. estava extremamente concentrado num tabuleiro em sua frente. Nem conseguia vislumbrar Sil. Um velho sábio, ela pensou. No terceiro trono havia um jovem rapaz. Usava óculos, vestia um terno antigo, um fraque para ser mais exato. Possuía um relógio de mão e tinha um olhar confiante, mas não como o do escocês. Era mais intenso, como se tivessem tentando ler os pensamentos de Sil, tentando vasculhar algo, entender o que se passava em sua mente. Era uma visão bastante intrigante os três tronos naquela sala oval.

Ela se aproximou do centro do grande salão oval e lançou a pergunta no ar:

- Olá!!! O que vocês fazem aqui?
- O que você faz aqui? - Prontamente o escocês respondeu.
- Não sei ainda. Achei que vocês poderiam me responder.
- Não sabemos aonde estamos. Mas eu estou procurando uma resposta. Disse o Jovem de fraque.
- E quem são vocês?

Novamente o escocês tomou a palavra:

- Sou um músico. Em Asnort, sou o melhor deles.

O escocês tirou o banjo das costas e entoou uma inebriante canção. Sua voz casava com os acordes dedilhados, e sua canção sem letra invadia todo o ambiente, quase que hipnotizando todos na sala.

O velho sábio disse:

- Bela canção. Você tem talento.
- Muito obrigado. É o que dizem as virgens.- Agradeceu satisfeito o jovem músico.
- Como assim? - Perguntou Sil intrigada.
- No meu país, meu dom é cultuado pela população local. Comecei quando criança. Passei por todas as etapas que um músico profissional passaria. O valor dos meus concertos foram aumentando gradativamente, até que a população não tinha mais como me pagar. Me tornei a celebridade mais rica e importante do país. Passei então a escolher os eventos que participaria. Depois da idéia de Jilhard, o centésimo quarto noivo que me contratou, eu passei a só tocar em casamentos.
- E qual foi a idéia de Jilhard, já que o dinheiro não era suficiente? Perguntou o jovem de fraque.
- Ele me concedeu a primeira noite de núpcias de sua noiva em troca de uma composição. Desde então, isso se tornou uma tradição em meu país. Um vez por mês eu participo de um casamento, passo a noite com a noiva e o restante dos dias tentando gastar as riquezas que acumulei.
- Que horror - Disse Sil.

- E você? O que faz? - Sil parecia curiosa a respeito do velho.
- Sou um jogador. Enxadrezista. Em Najrag, sou o melhor deles.
- Interessantes. - Disse o jovem de fraque.
- Mas como você pode provar? - Disse o jovem músico, solando um belo acorde.

O velho jogador enrolou os dedos na ponta da barba e disse:

- Eu poderia simplesmente jogar com você. Mas teria que respeitar a ordem do desafio Bienal de Najrag.

O músico levantou a sombrancelha num ar de dúvida:

- Você se diz tão bom e joga apenas de 2 em 2 anos?

O velho sábio cruzou as pernas em cima do trono e respondeu:

- Na verdade, eu levo 2 anos para cumprir toda a viagem que completa o torneio. Todos os participantes de Najrag colocam seu tabuleiro em frente a suas sinagogas. Eu passo em cada uma e efetuo uma jogada. Eles tem exatos dois anos para pensar e jogar novamente. É o tempo que eu levo para jogar com todos. 2 anos.

- E você nunca perdeu?

- Nunca. Comecei com apenas um participante. Venci em 2 lances. Ele me pediu revanche. Outro participante pediu para jogar, então eu disse que jogaria com os dois ao mesmo tempo. Isso foi a 40 anos. Desde então vem se acumulando desafiantes, e eu jogo com todos ao mesmo tempo. Como nunca perdi, isso se tornou uma tradição no país.

Sil olhava para o velho perplexa. Teve medo de dizer alguma coisa. Imaginou que o olhar penetrante daquele ancião poderia atravessar seus pensamentos. Os outros ficaram observando calados, talvez tendo o mesmo pensamento, até que o homem de fraque resolveu quebrar o gelo.

- Nunca vi algo parecido. 2 anos para pensar e você nunca foi derrotado?

- Jamais. Najrag é um país de monges. Não temos muitas tradições e vencer nesse esporte é o significado de continuar existindo. Aquele que não consegue a vitória, deve continuar tentando até que o supremo lhe tire essa oportunidade.

- Sendo assim, você é imortal?

- Eu não diria imortal. Apenas sou o único digno de continuar vivo. Se você não pode vencer, não tem razão para existir - Disse o velho sábio com um sorriso no rosto.

- Faltou o senhor se apresentar. - Disse Sil para o jovem de fraque. Ela parecia não entender o que fazia dentro daquela sala.

- Sou um escritor. Em Torland, sou o melhor deles. Ganhei a primeira biblioteca com o meu nome, dada pelo próprio Rei, quando publiquei o meu milésimo livro. Eu tinha apenas 14 anos.

- E qual o seu estilo literário? - Questionou o músico.

- Na verdade, eu criei um estilo. Em Torland, temos mais escritores do que soldados. Eu defino quem realmente é escrito, e quem não é. Todos seguem a minha forma de escrever. Certa vez, cansado de não ter mais o que criar, decidi inventar um idioma. Escrevi um livro de regras e comecei a difundir a nova língua. Tornou-se o idioma oficial do meu país. Temos cerca de 2 mil falantes nativos no meu idioma.

- Impressionante. Disse o velho jogador.

Sil estava pensativa no centro do salão.

- Presumo que ninguém saiba exatamente o que estamos fazendo juntos neste lugar - Disse o jovem escritor.

- Já não tem mais nada que eu deseje - Disse o músico, esticando-se no trono e colocando os braços sobre a nuca.

- Acho que você precisa de um desafio - Disse o velho jogador.

Sil, observando aquela cena, disse:

- Eu tenho um. Vocês são tão auto-suficientes nos seus reinos. Seriam capazes de viver no reino um do outro?

Eles se entreolharam. Um silêncio estranho pairou naquele recinto.

Subtamente, Sil Acordou.

- Sonho esquisito - Ela pensou alto.

“Seria ele capaz de viver no meu mundo? E eu no mundo dele?”